

POR UMA PRÁTICA METODOLÓGICA SITUADA NA COMUNICAÇÃO: REFLEXÕES FEMINISTAS A PARTIR DA PÓS-GRADUAÇÃO

FOR A SITUATED METHODOLOGICAL PRACTICE IN COMMUNICATION:
FEMINIST REFLECTIONS FROM POSTGRADUATE EDUCATION

POR UNA PRÁCTICA METODOLÓGICA SITUADA EN LA COMUNICACIÓN:
REFLEXIONES FEMINISTAS DESDE EL POSGRADO

Jússia Carvalho Ventura

■ Pesquisadora de Pós-Doutorado na Rede Alteridades. Doutora em Sociologia e Antropologia e mestra em Ciências da Comunicação pela UFPA. É jornalista e especialista em Produção Audiovisual. Integra o grupo de pesquisa GENI – Gênero e Interseccionalidades na Comunicação. Tem interesse em temas como Afetividade, Gênero, Maternidade e Ciência e Divulgação Científica.

■ Investigadora posdoctoral en la Red Alteridades. Doctora en Sociología y Antropología y magíster en Ciencias de la Comunicación por la UFPA. Es periodista y especialista en Producción Audiovisual. Integra el Grupo de Investigación GENI – Género e Interseccionalidades en la Comunicación. Sus áreas de interés incluyen Afectividad, Género, Maternidad, Ciencia y Divulgación Científica.

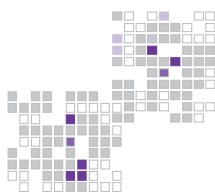
■ E-mail: jussiac@gmail.com

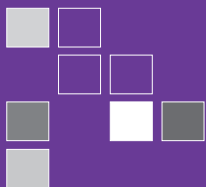
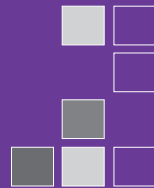
Renata Barreto Malta

■ Bolsista Produtividade em pesquisa CNPq. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFS e do PPGCOM/UFS. Coordena o Grupo de Pesquisa GENI – Gênero e Interseccionalidades na Comunicação e a Rede Alteridades. Atua com Estudos de Gênero e interseccionalidades, Estudos Culturais e representação social na mídia.

■ Becaria de Productividad en Investigación del CNPq. Profesora del Departamento de Comunicación Social de la UFS y del PPGCOM/UFS. Coordina el Grupo de Investigación GENI – Género e Interseccionalidades en la Comunicación y la Red Alteridades. Trabaja en las áreas de Estudios de Género e Interseccionalidades, Estudios Culturales y representación social en los medios de comunicación.

■ E-mail: renatamalta@academico.ufs.br



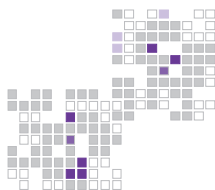


Eloy Santos Vieira

■ Professor Substituto no Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF. Foi Professor Visitante e pesquisador do PPGCOM/UFS, com bolsa de pós-doutorado CAPES, e integrou a Rede Alteridades. É integrante do Cultpop e da GENI. Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos, com estágio na UAB. Atua em cultura pop, comunicação digital, mídias sociais e estudos de fãs.

■ *Profesor sustituto en el Departamento de Estudios Culturales y Medios de la UFF. Fue profesor visitante e investigador del PPGCOM/UFS, con beca posdoctoral de CAPES, e integró la Red Alteridades. Es integrante de los grupos de investigación Cultpop y GENI. Doctor en Ciencias de la Comunicación por Unisinos, con estancia académica en la UAB. Trabaja en las áreas de cultura pop, comunicación digital, redes sociales y estudios de fans.*

■ E-mail: eloy.vieira@id.uff.br



RESUMO

Este artigo propõe e sistematiza uma reflexão metodológica situada no campo da Comunicação a partir de uma pesquisa desenvolvida em programas de pós-graduação localizados nos “Brasis Preteridos”. A ancorado em perspectivas feministas interseccionais, o texto problematiza a compreensão do método como um conjunto de procedimentos técnicos e propõe seu deslocamento para o campo relacional, ético e político. O artigo sustenta que a etnografia, quando compreendida como experiência implicada, tensiona a noção de neutralidade científica e evidencia o saber corporificado, a centralidade da escuta e da intersubjetividade na produção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: ETNOGRAFIA DA AFETAÇÃO; METODOLOGIA FEMINISTA; COMUNICAÇÃO; INTERSECCIONALIDADE; CONHECIMENTO SITUADO.

ABSTRACT

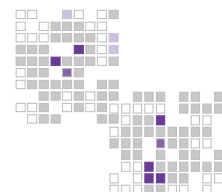
This article proposes and systematizes a methodological reflection situated within the field of Communication, based on research conducted in graduate programs located in the “Neglected Brazils.” Grounded in intersectional feminist perspectives, the text problematizes the understanding of method as a set of technical procedures and proposes its displacement toward the relational, ethical, and political domain. The article argues that ethnography, when understood as an implicated experience, challenges the notion of scientific neutrality and highlights embodied knowledge, as well as the centrality of listening and intersubjectivity in the production of knowledge.

KEY WORDS: ETHNOGRAPHY OF AFFECTATION; FEMINIST METHODOLOGY; COMMUNICATION; INTERSECTIONALITY; SITUATED KNOWLEDGE.

RESUMEN

Este artículo propone y sistematiza una reflexión metodológica situada en el campo de la Comunicación a partir de una investigación desarrollada en programas de posgrado ubicados en los “Brasis Preteridos”. Anclado en perspectivas feministas interseccionales, el texto problematiza la comprensión del método como un conjunto de procedimientos técnicos y propone su desplazamiento hacia el campo relacional, ético y político. El artículo sostiene que la etnografía, cuando se entiende como experiencia implicada, tensiona la noción de neutralidad científica y evidencia el saber corporizado, la centralidad de la escucha y de la intersubjetividad en la producción del conocimiento.

PALABRAS CLAVE: ETNOGRAFÍA DE LA AFECTACIÓN; METODOLOGÍA FEMINISTA; COMUNICACIÓN; INTERSECCIONALIDAD; CONOCIMIENTO SITUADO.



Introdução

Nas últimas décadas, os estudos feministas têm produzido deslocamentos significativos nas formas de compreender a produção do conhecimento, questionando pressupostos historicamente naturalizados no campo científico, como a neutralidade, a objetividade e a separação entre sujeita(o) e objeto de pesquisa. No campo da Comunicação, tais movimentos têm se mostrado particularmente relevantes diante das transformações contemporâneas dos ecossistemas midiáticos e das disputas simbólicas em torno de gênero, raça, classe e territorialidade, que atravessam tanto os universos de estudo quanto as próprias condições de produção do saber.

Ao tensionar os fundamentos epistemológicos da ciência moderna, as perspectivas feministas evidenciam que todo conhecimento é situado, isto é, produzido a partir de posições específicas no mundo social (Haraway, 1995). Elas questionam a busca por tradução, convertibilidade e universalidade, o que concretamente significa reducionismo quando uma linguagem é imposta como parâmetro para todas as conversões. Essa compreensão implica reconhecer que as experiências corporificadas e os marcadores sociais da diferença não apenas influenciam como constituem o processo investigativo.

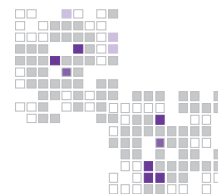
É nesse horizonte que se insere a proposta deste artigo, que busca refletir sobre a etnografia como prática de conhecimento situada e implicada, a partir de uma experiência de pesquisa realizada no âmbito da Rede Alteridades. A iniciativa articula programas de pós-graduação em Comunicação da UFPA, UFRR, UFS e UFMS, localizados nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. A pesquisa, financiada pela CAPES por meio do Edital nº 37/2022 — PDPG Alteridade na Pós-Graduação, investigou, a partir de uma perspectiva interseccional, os desafios de acesso e permanência de discentes

e egressas(os), considerando gênero, raça/etnia, classe, territorialidade e outros marcadores sociais.

O estudo parte da noção de “Brasis preteridos” (Aguiar; Vieira, 2026), elaborada na Rede Alteridades para designar territórios que, distantes do eixo Sul-Sudeste, ocupam posições secundárias no financiamento e na infraestrutura científica. O conceito dialoga com a “região concentrada” de Milton Santos (Santos; Silveira, 2001), evidenciando as assimetrias que relegam as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste a condições de menor visibilidade material e simbólica.

A pesquisa iniciou sua primeira etapa empírica em dezembro de 2023 e desenvolveu-se por meio da aplicação de questionário e, posteriormente, da realização de entrevistas em profundidade. O questionário, composto por 57 questões, foi aplicado entre 8 de dezembro de 2023 e 2 de maio de 2024 e obteve 405 respostas, correspondentes a pouco mais de 71% do universo potencial de 567 pessoas. A equipe apresentou os resultados do questionário em junho de 2024 e se baseou nesses dados para definir os perfis das(os) potenciais interlocutoras(es) da etapa qualitativa. Foram realizadas 64 entrevistas em profundidade, iniciadas em agosto de 2024, organizadas em quatro rodadas e guiadas por roteiros semiestruturados e flexíveis, adaptados aos diferentes perfis identificados no questionário.

Propomos, para este recorte, uma compreensão ampliada do método, que articula técnica, experiência e implicação. Em diálogo com a tradição antropológica, compreendemos a etnografia como um modo de produzir conhecimento que se dá no encontro, na interpretação e na abertura ao imprevisto, e não como um conjunto de técnicas metodológicas (Peirano, 2014; Eckert & Rocha, 2005; Magnani, 2002). A interlocução entre feminismo e antropologia é atravessada por uma relação



simultaneamente produtiva e incômoda, uma vez que ambas compartilham o interesse em questionar paradigmas estabelecidos, ao mesmo tempo em que operam a partir de lógicas disciplinares distintas (Strathern, 2009). Tal perspectiva encontra ressonância no campo da Comunicação, especialmente nas abordagens que compreendem os processos comunicativos a partir de sua dimensão relacional e interacional. Como argumenta Vera França (2001), a Comunicação não pode ser reduzida à transmissão de informações, devendo ser compreendida como um processo complexo, marcado pela circularidade, pela produção compartilhada de sentidos e pela inserção das sujeitas(os) em contextos sociais e históricos específicos. Nessa direção, ao enfatizar a centralidade das interações e da sociabilidade, o campo da Comunicação aproxima-se das preocupações da antropologia ao tomar os fenômenos comunicacionais como práticas situadas, nas quais sujeitas(os) e relações se constituem mutuamente (França et al., 2020).

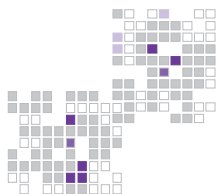
Ao considerar a pesquisa como um espaço de encontro, é central para este artigo a noção de intersubjetividade, entendida como o campo no qual se constroem sentidos compartilhados e se negociam posições, experiências e narrativas (Schutz, 1979; Castro, 2012). Esse campo não é homogêneo nem simétrico, sendo atravessado por relações de poder que se expressam em marcadores sociais e seus atravessamentos. Nesse movimento, a ênfase recai sobre as conexões, os entrelaçamentos e as parcialidades que constituem as experiências sociais, desestabilizando a ideia de unidades fixas e autônomas. A perspectiva interseccional, conforme formulada por autoras do feminismo negro, como Patricia Hill Collins (2016) e Carla Akotirene (2019), permite compreender essas articulações como constitutivas das experiências sociais e, consequentemente, das próprias dinâmicas da pesquisa. Partir da interseccionalidade pressupõe

a inseparabilidade estrutural entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, evitando aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Ela não opera apenas como lente analítica, e nos impele a problematizar o que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças na trajetória de discentes da pós-graduação.

Evidenciamos, então, que o próprio método não é um instrumento neutro e que os caminhos de pesquisa produzem determinados efeitos de verdade. As críticas feministas problematizam que não basta incluir novas categorias de análise, como a de gênero, se os pressupostos epistemológicos permanecerem inalterados. É necessário, assim, questionar os modos de produção do conhecimento, reconhecendo que estes são atravessados por imaginários culturais específicos e por relações de poder que estruturam o que pode ser visto, dito e legitimado como saber (Piscitelli, 2008).

Nesse ínterim, a etnografia é compreendida como uma prática de afetação, na qual o conhecimento emerge de processos de implicação mútua entre pesquisadoras(es) e interlocutoras(es). A noção de afetação, em diálogo com contribuições da teoria social, da comunicação e da antropologia, aponta para a dimensão sensível do encontro, em que percepções, emoções, memórias e corporalidades participam ativamente da construção do conhecimento (Sodré, 2006; 2015; Favret-Saada, 2015). É preciso reconhecer que o campo não apenas oferece dados, mas interpela, movimenta e transforma quem pesquisa, exigindo uma postura de escuta atenta e abertura às experiências que escapam às categorias previamente estabelecidas.

Essa compreensão se amplia quando colocada em diálogo com o pensamento indígena contemporâneo. Para Ailton Krenak (2019), o conhecimento se produz a partir da continuidade entre vida, experiência e existência. Ao questionar

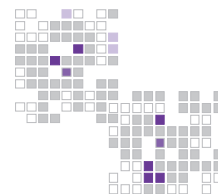


a centralidade de uma racionalidade abstrata e dissociada do corpo, Krenak (2019; 2020) nos convoca a pensar o conhecimento como relação viva, pois é atravessada por territórios e maneiras de sentir, deslocando a ideia de pesquisa como exploração para compreendê-la como envolvimento e responsabilidade com o outro e com o mundo. Célia Xakriabá (2023) também tensiona as formas hegemônicas de escuta ao afirmar que não há conhecimento sem corpo, território e memória. Para a autora, escutar implica reconhecer as marcas históricas, políticas e afetivas que atravessam quem fala. Bem da verdade, a escuta não é apenas técnica; é um gesto ético e político que envolve presença, implicação e reconhecimento da alteridade. O campo, assim, deixa de ser um espaço externo e passa a ser compreendido como um território de encontros, tensões e atravessamentos, no qual diferentes formas de saber se confrontam, se entrelaçam e se transformam mutuamente.

A partir dessa perspectiva, o artigo articula duas dimensões fundamentais do fazer metodológico, desenvolvidas com base na experiência da pesquisa construída no âmbito da Rede Alteridades: a dimensão procedimental e a sensível. A primeira compreende o conjunto de estratégias mobilizadas para a organização da investigação, incluindo a constituição da equipe, a definição das etapas de pesquisa, a elaboração e aplicação dos instrumentos, a seleção das(os) interlocutoras(es), o registro e a sistematização dos materiais produzidos e os processos de análise e discussão dos dados. A segunda refere-se às relações estabelecidas no decorrer da pesquisa, aos vínculos construídos, às tensões, aos deslocamentos e aos afetos que atravessaram os encontros entre pesquisadoras(es) e interlocutoras(es). Embora essas dimensões possam ser analiticamente distinguidas, elas não se desenvolveram de maneira independente.

Ao contrário, as decisões procedimentais foram condicionadas pelas experiências produzidas no campo, assim como os afetos e as relações estabelecidas foram mediadas pelas condições concretas de realização da pesquisa. Dessa maneira, apresentamos inicialmente os elementos que constituíram o percurso procedimental da investigação, como condição para compreender os deslocamentos que, posteriormente, nos permitem discutir sua dimensão sensível. É justamente na articulação entre procedimento e experiência que situamos a proposta de uma etnografia da afetação.

Ao propor essa articulação, o artigo busca contribuir para o debate sobre metodologias feministas em Comunicação, enfatizando a necessidade de pensar o método como prática situada, coletiva e implicada. Mais do que apresentar um modelo, trata-se de compartilhar um percurso reflexivo que evidencia os desafios, os conflitos e as possibilidades de produção de conhecimento. Essa inflexão metodológica encontra ressonância em pesquisas que, situadas na interface entre antropologia e comunicação (Rodrigues, 2008; Ferraz, 2019), têm se dedicado a compreender como práticas midiáticas constituem não apenas objetos e fenômenos de análise, mas também campos de experiência e produção de sentidos. Desse modo, a pesquisa em comunicação passa a ser entendida como um campo privilegiado para observar as articulações entre mediação, experiência e poder, exigindo abordagens metodológicas sensíveis às dinâmicas situadas que constituem tais fenômenos. É nesse movimento que se delineiam os próximos tópicos, nos quais são apresentadas e analisadas experiências de pesquisa que permitem tensionar, na prática, as articulações entre etnografia, afetação e epistemologias feministas no campo da Comunicação.



1 Pesquisa como prática relacional: notas metodológicas a partir da Rede Alteridades

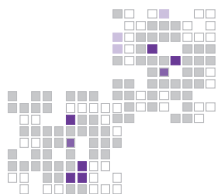
A presente investigação integrou o campo da Comunicação e adotou uma perspectiva feminista interseccional. Desenvolvido no âmbito da Rede Alteridades, o estudo envolveu programas de pós-graduação de quatro universidades situadas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. A equipe foi composta por quatro pesquisadoras(es) coordenadoras(es), oito pesquisadoras(es) colaboradoras(es), seis bolsistas e cinco voluntárias(os). A pesquisa foi organizada em etapas articuladas, que envolveram análise documental, construção e aplicação de questionário e realização de entrevistas em profundidade. A equipe aplicou o questionário de forma online e obteve 405 respostas, representando 71% do universo.

Foram selecionadas 64 respondentes para participar da etapa qualitativa com base nos resultados do questionário. A seleção considerou diferentes marcadores sociais e suas interseções, como gênero, raça/etnia, classe, território, orientação sexual, maternidade/paternidade, deficiência e experiências de discriminação. Para garantir o anonimato das(os) participantes, utilizamos pseudônimos elaborados a partir de uma estratégia etnográfica clássica, composta por nomes próximos ao universo sociocultural das(os) interlocutoras(es), mas suficientemente distintos para impedir sua identificação.

O Quadro 1 apresenta uma síntese desse percurso e reúne as diferentes etapas da pesquisa, seus períodos de realização, participantes, materiais mobilizados e encaminhamentos produzidos ao longo da investigação.

Quadro 1 – Síntese do percurso procedimental da pesquisa

Etapas	Período	Participantes/ Materiais	Resultado/ Encaminhamento
1. Organização da pesquisa	Abr–Ago/2023	Equipe da Rede Alteridades	Planejamento das etapas, cronograma e fluxos de comunicação.
2. Análise documental	Set/2023–Mai/2024	Documentos dos PPGs de 4 universidades: UFPA, UFRR, UFS e UFMS.	Mapeamento das condições institucionais e dos marcos normativos relevantes.
3. Construção do instrumento com reunião presencial na UFS	2023	Equipe de pesquisa, discentes e egressas(os) consultadas(os) em pré-teste.	Versão piloto do questionário validada coletivamente.
4. Aplicação do questionário	Dez/2023–Mai/2024	405 respondentes de todos os PPGs participantes.	Panorama das trajetórias, marcadores sociais e desafios de acesso e permanência.
5. Seleção das(os) interlocutoras(es)	Jun/2024	Lista de potenciais interlocutoras(es) (os).	Composição do grupo de entrevistas com representatividade e pluralidade.
6. Entrevistas em profundidade Reunião presencial na UFPA para troca de experiências	Ago/2024–Mar/2025	64 interlocutoras(es) entrevistadas(os) pela equipe.	Produção de narrativas que aprofundam trajetórias, vivências e percepções.
7. Sistematização e registro	2024–2025	Transcrições textuais, banco de dados do questionário, diários de campo e notas de reuniões.	Corpus organizado para análise e acompanhamento dos deslocamentos metodológicos.
8. Análise e discussão coletiva Reunião presencial na UFMS para validação das análises	2025	Toda a equipe de pesquisa em reuniões periódicas.	Categorias analíticas emergentes e construção das reflexões.



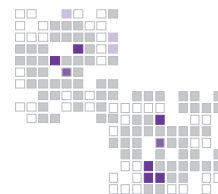
A elaboração dos instrumentos de pesquisa, especialmente do questionário direcionado a questões identitárias e de trajetória, exemplifica o movimento coletivo de construção da investigação. O instrumento foi construído coletivamente, a partir dos objetivos da pesquisa e das experiências das(os) pesquisadoras(es) e participantes. A presença de discentes e egressas(os) na equipe tensionou as fronteiras entre quem pesquisa e quem é pesquisado, contribuindo para a formulação de questões mais sensíveis às condições materiais e simbólicas que atravessam as trajetórias acadêmicas. As 405 respostas contribuíram para compreender as diferentes experiências de acesso, permanência e trajetória na pós-graduação. A leitura desse material contribuiu para a definição dos perfis das(os) interlocutoras(es) e para o aprofundamento das questões nas entrevistas, estabelecendo um processo de retroalimentação entre as etapas da pesquisa. Assim, o instrumento reconheceu as(os) participantes como interlocutoras(es) e coprodutoras(es) de conhecimento.

Esse movimento metodológico não se deu de forma linear, nem foi previamente pensado em sua totalidade. Ao contrário, ele foi sendo tecido no próprio percurso da pesquisa, à medida que o campo se apresentava como espaço de negociação e reinvenção. Tal dinâmica corrobora que o método não antecede o campo como um modelo a ser aplicado; pelo contrário, se constitui no entrelaçamento entre teoria, experiência e relação.

As decisões referentes às(aos) interlocutoras(es) que não concluíram seus percursos na pós-graduação evidenciam o caráter responsivo do método. A equipe adaptou o questionário para esse grupo, mantendo apenas as questões identitárias e evitando perguntas sobre a trajetória acadêmica que poderiam gerar constrangimentos. A seleção das pessoas

entrevistadas considerou a diversidade das trajetórias e dos marcadores sociais presentes na pesquisa. As entrevistas foram planejadas como conversações e fizeram uso de roteiros semiestruturados e flexíveis, adaptados aos diferentes perfis das(os) interlocutoras(es). Uma única entrevistadora, bolsista de pós-doutorado e com experiência em pesquisa qualitativa, conduziu as entrevistas com este grupo específico. A adoção de um roteiro aberto possibilitou que, ao longo das entrevistas, emergissem narrativas sobre sofrimento, frustração e interrupção das trajetórias acadêmicas.

O diário de campo operou, aqui, como espaço de elaboração analítica, no qual mudanças de rota deixam de ser compreendidas como desvios e passam a constituir resultados da própria pesquisa. Antes das entrevistas, a consulta ao questionário, aos currículos, às produções e aos agradecimentos dos trabalhos de conclusão dos cursos permitia mapear trajetórias e redes de relações das(os) participantes. Durante e após os encontros, as(os) pesquisadoras(es) registravam anotações, impressões e associações teóricas nos diários de campo. A equipe compartilhava essas experiências nas reuniões de acompanhamento da pesquisa, nas quais discutia dificuldades, recorrências e aspectos discursivos observados durante as entrevistas. Esses registros e discussões permitiam identificar questões que exigiam maior atenção e orientar ajustes nos procedimentos e nos roteiros das entrevistas. A sistematização das experiências de campo, portanto, alimentava continuamente a etapa qualitativa e permitia à equipe rever escolhas e incorporar questões que emergiam no próprio processo de interlocução. O registro no caderno de campo de uma das pesquisadoras dá materialidade a essas práticas: “*Durante a entrevista com Matheus Zainmota, sua autodefinição como ‘sexagenário’ e a preocupação em ‘não competir com a juventude’ deslocaram o meu foco analítico para as tensões*



geracionais presentes na pós-graduação”.

Esses registros também evidenciam a materialidade das condições de realização da pesquisa. Para ilustrar, embora inicialmente tivéssemos definido entrevistas com câmera aberta, em ambiente controlado e sem interrupções, algumas ocorreram de forma fragmentada, com pausas, saídas e retornos. Em uma revisão metodológica, entendemos que essas situações deveriam ser incorporadas analiticamente, pois expressam, em sua própria forma, as dificuldades relatadas pelas(os) participantes relacionadas à escassez de tempo e de concentração. Assim, o que poderia ser lido como ruído revela-se parte constitutiva do fenômeno investigado.

Os entraves em agendar e realizar algumas entrevistas, decorrentes de diferentes circunstâncias, constituíram um dos desafios do trabalho de campo. A equipe enfrentou também limitações relacionadas aos prazos da pesquisa, à disponibilidade das(os) pesquisadoras(es) e ao contato com as(os) potenciais interlocutoras(es). A equipe realizou os contatos por e-mail e *WhatsApp* e, diante de recusas, cancelamentos sucessivos ou impossibilidade de agendamento, buscou outras pessoas com perfis semelhantes na lista geral de potenciais interlocutoras(es). Esse procedimento permitiu manter as diretrizes de composição do corpus, que consideravam os múltiplos atravessamentos presentes em cada trajetória. A equipe, portanto, não tratou a lista de “entrevistáveis” como um conjunto fixo de perfis definidos previamente pelo questionário. Cada substituição implicou uma decisão metodológica, pois também representava a impossibilidade de acessar determinada experiência social com maior profundidade.

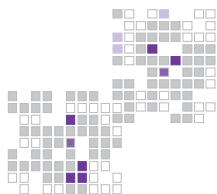
Ao longo desse percurso, torna-se evidente que o campo não apenas responde às perguntas da pesquisa, sobretudo produz novas questões, deslocando os próprios termos da investigação.

As categorias inicialmente mobilizadas, ainda que fundamentais para a organização do estudo, mostram-se insuficientes diante da complexidade das experiências relatadas, exigindo revisões e rearticulações constantes. Esse processo de reconfiguração metodológica é intensificado na medida em que as pesquisadoras(es) se reconhecem como parte implicada no campo. As experiências, narrativas e afetos mobilizados nas entrevistas não permanecem exteriores à análise, atravessam o próprio gesto de interpretar. Assim, o conhecimento produzido não se limita à descrição das trajetórias investigadas, demonstrando que a produção de conhecimento envolve também uma dimensão de transformação de quem pesquisa.

A ética da escuta

Ao colocar em diálogo as experiências sistematizadas no percurso coletivo da rede e aquelas que emergem de forma mais densa e situada nas entrevistas em profundidade, delinea-se um movimento metodológico que articula diferentes escalas de análise. De um lado, a dimensão mais ampla, que permite identificar padrões e desigualdades estruturais; de outro, a dimensão fenomenológica, na qual essas desigualdades se materializam em experiências concretas, marcadas por afetos, conflitos e estratégias de permanência. É nessa articulação que se consolida uma perspectiva metodológica feminista, capaz de reconhecer simultaneamente a estrutura e a experiência, o coletivo e o singular, o procedimental e o sensível. Segundo Haraway (1995), o “empiricismo feminista” é norteado por uma ciência sucessora construída por meio de redes de conexões capazes de compartilhar conhecimento entre “comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder” (p. 15).

Nesse espaço de reconhecimento da diferença, foi importante compreender que a experiência



não é o reflexo transparente de uma realidade pré-determinada, mas uma construção cultural e processo de significação. Ela é o lugar da formação da sujeita(o), um espaço discursivo em que diferentes posições e subjetividades são inscritas e contestadas, em resposta aos regimes de poder (Brah, 2006). Nosso movimento metodológico parte da dimensão da experiência e não da dimensão institucional para entender as desigualdades e a capacidade de agência frente a elas.

Estratégias distintas de contato com participantes revelaram que relações institucionais e posições ocupadas no campo influenciam diretamente os modos de acesso e de resposta à pesquisa. Optou-se por não incluir docentes na realização das entrevistas, considerando que a hierarquia acadêmica poderia inibir a exposição de experiências sensíveis e que pesquisadoras(es) de um PPG entrevistariam discentes e egressas(os) de outro programa. Ainda que não houvesse qualquer direcionamento para explicitar tais diretrizes a quem era ouvida(o), observamos que esse argumento se fez presente ao revisar as transcrições, motivando falas que denunciam assédio moral cometido por professores(as). Como exemplo: *“Eu não sou de Campo Grande, né? Eu sou de Belém, então eu não conheço o corpo docente... inclusive essa coisa do projeto de ter essa distância é pra vocês se sentirem à vontade pra falar (...)”*. (Fala de uma entrevistadora).

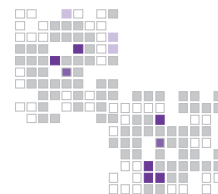
Procurou-se, ainda, estabelecer correspondências entre os perfis de quem entrevistava e de quem era entrevistada(o), como nos casos em que pesquisadoras(es) negras(os) dialogaram com participantes negras(os). Essa aproximação, longe de ser protocolar ou de partir de algum roteiro ensaiado, reverberou em entrevistas que permitiam a troca real de experiências coletivas. Para ilustrar, uma entrevistadora menciona sua vivência com a dificuldade de se autodefinir preta, mostrando

empatia com a história narrada pelo entrevistado: *“Eu entendo, de certa forma, porque eu sou filha de pai negro e mãe branca”*.

No plano formativo, a preparação da equipe envolveu momentos de reflexão sobre escuta, condução das entrevistas e implicações éticas do encontro. Nesse sentido, uma realidade se impunha: o projeto contava com uma maioria de entrevistadoras(es) graduada(o) em jornalismo. Como profissionais, jornalistas tendem a ser preparadas(os) para conduzir entrevistas técnicas, orientadas pela extração ágil de informações, pela confirmação de pautas previamente definidas, e não para a escuta sensível das pessoas envolvidas (Moraes, 2022). Assim, era preciso a ruptura de paradigmas enraizados para dar espaço à escuta implicada, reconhecendo o outro como sujeito(a) do processo e não apenas como fonte.

As etapas formativas e de partilha ao longo do processo não são aqui descritas apenas como procedimentais, mas como único caminho possível para a construção coletiva do estudo. Nesse sentido, consideramos também como resultado a materialidade da troca. Para além de interlocuções, que demonstram aproximação e que geram confiança, observamos nas transcrições “desabafos” por parte de entrevistadoras(es) ao se identificarem como parte da engrenagem da pós-graduação. Para ilustrar: *“E só um parêntese aqui, é doido como parece que as experiências se coincidem na pós-graduação, porque você ia falando algumas coisas e eu ia me identificando muito. Porque eu vou qualificar, então eu tô nesse momento, (...) de autoduvidar”*.

É nesse deslocamento que a articulação entre o procedimental e o sensível se torna central. Se, por um lado, a pesquisa exigiu organização, sistematização e definição de etapas, por outro, foi atravessada por processos que escapam à técnica, que envolvem os afetos, os vínculos e as experiências compartilhadas no campo. A consolidação da Rede Alteridades, nesse sentido,



se deu pela construção de relações que mobilizam partilha, não apenas pela execução de tarefas. Tais elementos, frequentemente invisibilizados nos relatos metodológicos tradicionais, mostram-se fundamentais para compreender como o conhecimento é produzido.

A noção de interlocução torna-se central ao tensionar a ideia de participante como mera fonte de dados para reconhecê-la(o) como agente ativo na construção interpretativa da pesquisa. A ética da escuta se torna particularmente evidente quando emergem hesitações e silêncios, frequentemente associados a experiências sensíveis. Nessas situações, as(os) entrevistadoras(es) mobilizam estratégias de acolhimento e validação, sustentando o diálogo como um espaço seguro para a elaboração da experiência. Expressões como *“fica à vontade. Eu estou aqui pra te escutar”* indicam que a escuta é comprometida com o outro.

A reciprocidade desse processo também se evidencia nas falas das(os) interlocutoras(es), que reconhecem a entrevista como espaço de construção de sentido. Evelyn Castrosantos, ao refletir sobre sua participação, afirma: *“Em uma entrevista como essa, [...] não são números, são pessoas [...] cada pessoa tem a sua dificuldade [...] no meu caso, eu sou mãe [...] da zona rural, cinco horas de distância”*. Já Carlos Reisfilho explicita os limites e afetos envolvidos na narrativa ao dizer: *“Me desculpe se eu não consegui responder algumas coisas, também por ser um tema mais sensível [...] talvez a memória bloqueie [...] talvez a gente pudesse, se conhecendo melhor, desenvolver”*. Essas enunciações evidenciam que o processo envolve negociação, confiança e abertura gradual.

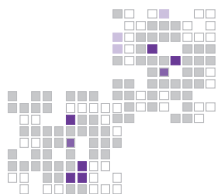
Dessa forma, a escuta se configura como prática ativa de sustentação do outro, criando condições para que experiências muitas vezes silenciadas possam emergir. A entrevista se estabelece como espaço de construção de sentidos, no qual ritmo, profundidade e direção da narrativa se definem

na própria interação. É nesse processo de afetação mútua que o encontro se desdobra, permitindo que a experiência seja elaborada na relação.

Etnografia da afetação

A etnografia da afetação compreende a entrevista como uma experiência relacional na qual interlocutoras(es) e pesquisadoras(es) são afetadas(os) pelo encontro. Essa perspectiva dialoga com Sodré (2006; 2015), para quem a afetação constitui uma força relacional capaz de deslocar percepções e produzir outras formas de compreensão. E também com Favret-Saada (2015), que compreende o “ser afetado” como uma dimensão constitutiva da experiência etnográfica. Sob essa ótica, a entrevista não se reduz a uma técnica de produção de dados, pois envolve situações, memórias, silêncios, interrupções e deslocamentos que também integram o processo analítico. As condições concretas em que as entrevistas ocorreram produziram parte desses deslocamentos. Algumas conversas foram interrompidas por demandas familiares ou profissionais, enquanto outras ocorreram em ambientes nos quais as(os) interlocutoras(es) precisaram conciliar a entrevista com outras atividades. A equipe incorporou essas situações à leitura do campo ao compreendê-las não apenas como dificuldades operacionais, mas também como elementos das experiências narradas e das condições sociais que marcam as trajetórias acadêmicas.

Essa dimensão também se evidenciou nas reações das(os) interlocutoras(es) ao próprio encontro. Ao final de uma das conversas, Rui Bastoscosta comentou: *“muito legal a condução que deste a esta conversa. Acho que, de alguma forma, conseguimos falar de forma leve em um tema que me é muito sensível. Não imaginava que tocar nesses temas iria me doer muito. Acho que agora estou digerindo algumas coisas”*. A fala evidencia que a entrevista não apenas produziu



informações sobre sua trajetória, mas também mobilizou afetos, ativou memórias e desencadeou um processo de elaboração que ultrapassou o momento da interação. O comentário também deslocou a compreensão da pesquisadora sobre a própria entrevista, ao tornar visível um efeito do encontro que não poderia ser apreendido apenas pelo conteúdo das respostas.

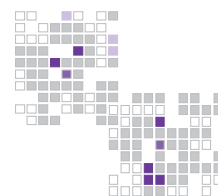
A afetação também apareceu nas situações em que o campo produziu mudanças nas expectativas iniciais da equipe. Os relatos das(os) entrevistadoras(es), as dificuldades encontradas durante as conversas e os elementos que emergiram de forma inesperada orientaram novas perguntas e ajustes nos caminhos da pesquisa. A equipe passou, assim, a considerar os desencontros, as interrupções, os silêncios e as mudanças de rumo como parte do material analítico. Essa perspectiva permitiu compreender a entrevista como um acontecimento relacional, no qual a produção do conhecimento resulta tanto das narrativas das(os) interlocutoras(es) quanto das condições e relações que tornam essas narrativas possíveis.

A materialidade da relação na pesquisa se expressa também na afetação das(os) pesquisadoras(es) diante das experiências narradas. Ao entrarem em contato com trajetórias marcadas por dificuldades e desigualdades, as(os) entrevistadoras(es) demonstram envolvimento e sensibilidade, evidenciando que o campo não é externo ou neutro. Como exemplo, observamos a reação da entrevistadora quando Silvia Moraeslima descreveu o final do mestrado como *“correr uma maratona, sem ter conseguido chegar à fase final”*, narrado com um sentimento de *“solidão, isolamento e exaustão emocional”*: *“Eu sinto muitíssimo, assim, muito, muito mesmo, porque eu imagino como tu tenhas te sentido, inclusive, sozinha nesse momento”*.

A partir dessas experiências, o campo deixa de ser concebido como um espaço dado e passa a ser

compreendido como um processo em constante constituição, no qual as pesquisadoras(es) também são afetadas e reposicionadas. O imprevisto, por sua vez, não se restringe às dimensões narrativas, manifestando-se também nas condições materiais e tecnológicas do encontro. Realizadas em ambiente remoto, as entrevistas evidenciam como a mediação técnica e o espaço doméstico se tornam elementos constitutivos da interação. Em determinados momentos, interrupções do cotidiano atravessam a conversa — como quando uma interlocutora pausa a fala para atender uma ligação, dizendo: *“deixa eu desligar aqui, senão...”*. Tais situações evidenciam que o campo se realiza em meio a fluxos ordinários da vida. Na sequência, ao afirmar que *“não [se] vê mais no presencial”*, a interlocutora desloca temporariamente o foco da interação, incorporando à narrativa as transformações recentes nas formas de trabalho e comunicação.

A compreensão da afetação como dimensão constitutiva do processo investigativo permite tensionar a separação entre teoria e empiria, evidenciando que ambas se formam mutuamente no decorrer da pesquisa. Conforme discutido no percurso etnográfico, a afetação pode ser compreendida como força relacional que emerge no encontro e reorganiza percepções, sentidos e posições no campo, aproximando-se das formulações de Muniz Sodré (2006; 2015) sobre o caráter sensível da comunicação e da própria experiência social. É nesse ponto que o diálogo com o campo da Comunicação se torna particularmente relevante. A partir de uma perspectiva relacional, Vera França (2001) propõe compreender a comunicação como processo de produção de sentidos que se constitui nas relações entre sujeitas(os). Essa abordagem permite aproximar a etnografia das discussões comunicacionais. O percurso metodológico, aqui descrito, pode ser compreendido também como



prática comunicacional, na medida em que se realiza no entre, na interlocução e na construção coletiva de sentidos, articulando, de forma indissociável, método, relação e experiência.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos evidenciar como a reflexão metodológica, quando situada no campo da Comunicação e atravessada por perspectivas feministas, implica uma revisão das compreensões tradicionais de método. Essa “dimensão situada dos saberes” (Haraway, 1995) ficou evidenciada pragmaticamente a partir das decisões coletivas tomadas ao longo da pesquisa, dos registros de deslocamentos analíticos em cadernos de campo e de uma escuta atenta e sensível. Nesse movimento, o método não precedeu o campo, sobretudo constituiu-se nele, ancorado na responsabilidade e na localização do conhecimento.

A partir da lente da interseccionalidade, foi possível constatar que os marcadores sociais da diferença não operaram isoladamente nos relatos, mas se entrelaçaram nas trajetórias narradas. Esse imbricamento demonstra que gênero, raça, classe, geração e territorialidade não operam como categorias comparáveis entre si, mas como nós mutuamente constitutivos das trajetórias na pós-graduação. Podemos constatar ainda que, ao longo do percurso investigativo, as categorias só adquiriram sentido pleno quando consideradas em sua interdependência, exigindo uma abordagem sensível às experiências concretas e às relações de poder que atravessam o campo em sua instância fenomenológica.

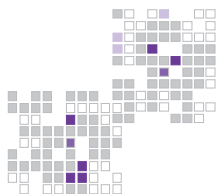
Como caminho de análise, buscamos não universalizar as experiências, reconhecendo a dimensão coletiva das opressões e da capacidade de agência. Observamos como os “Brasis Preteridos” ganham expressão nos relatos e como as identidades autodefinidas se configuram

no contexto da pós-graduação. Entendemos que as escolhas metodológicas que aproximam interlocutoras(es) e pesquisadoras(es) cumprem um papel importante, ao favorecer a emergência de narrativas situadas e de sentidos construídos no espaço intersubjetivo. Ressaltamos também a importância de documentar desencontros, falhas de comunicação e silêncios como parte da trajetória de pesquisa. É a alteridade da própria pesquisa, do modo como ela se dá.

A compreensão da etnografia como prática implicada dialoga com a tradição antropológica de produção de um conhecimento situado no interior das relações estabelecidas no campo. Nesse processo, corpo, memória e experiência são partícipes, tensionando a separação entre teoria e empiria.

A centralidade da escuta como gesto ético e político materializou-se nas estratégias de acolhimento e compartilhamento mobilizadas durante as entrevistas. Reconhecer essas vozes como interlocutoras(es), e não apenas como fontes, desloca a pesquisa de uma lógica de extração de dados para uma prática relacional, na qual conhecer implica também envolver-se e responsabilizar-se pelo encontro.

Por fim, ao aproximar essas discussões ao campo da Comunicação, reafirma-se que os processos comunicacionais se constituem nas dinâmicas interacionais que atravessam os sujeitos(as). Essa compreensão ficou evidente, por exemplo, a partir das próprias interrupções do cotidiano que atravessaram as entrevistas remotas e dos “desabafos” de entrevistadoras(es) que se reconheceram implicadas(os) na engrenagem da pós-graduação. Mais do que propor um modelo, o percurso apresentado reafirma a pesquisa como prática situada, coletiva e implicada, comprometida com a transformação das condições de produção do saber.



Referências

- Aguiar, S., & Vieira, E. (2026). Alteridades geográficas nos Brasis Preteridos: desafios da pós-graduação em Comunicação. In R. B. Malta, K. Miguel, R. Steinbrenner, & V. Santi Jr. (Orgs.), *Alteridades na pós-graduação em comunicação: interseccionalidades, trajetórias e desigualdades nos Brasis preteridos* (pp. 51–66). Telha.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen.
- Brah, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, (26), 329–376.
- Castro, F. F. de. (2012). A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz. *Ciências Sociais Unisinos*, 48(1), 52–60.
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, 31(1), 99–127.
- Eckert, C., & Rocha, A. L. C. da. (2005). *O tempo e a cidade*. Editora da UFRGS.
- Favret-Saada, J. (2015). Ser afetado. *Revista Mana*, 21(1), 151–171.
- Ferraz, C. P. (2019). A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos em redes on-line. *Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política*, 12(35), 46–69.
- França, V. V. (2001). Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? *Ciberlegenda*, (5). <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784>
- França, V. R. V., Santana, P. H. B., & Simões, P. G. (2020). Comunicação e sociabilidade: perspectivas no campo da comunicação. *Galáxia (São Paulo)*, (45). <https://www.scielo.br/j/gal/a/y7j6DZxKMrv4Lc6GhnbpZVF/>
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 11–29.
- Moraes, F. (2022). *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática e posicionamento para um jornalismo que enfrenta desigualdades*. Arquipélago Editorial.
- Peirano, M. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 20(42), 377–391. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>
- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 11(2), 263–274. <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>
- Rodrigues, J. C. (2008). *Antropologia e comunicação: princípios radicais*. Ed. PUC-Rio.
- Santos, M., & Silveira, M. L. (2001). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Record.
- Schutz, A. (1979). *El problema de la realidad social*. Amorrotu.
- Sodré, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Mauad.
- Sodré, M. (2015). *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Vozes.
- Strathern, M. (2009). Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. *Mediações*, 14(2), 83–104. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=748879393010>
- Xakriabá, C. (2023, 3 de fevereiro). Célia Xakriabá, jenipapo e urucum no Congresso [Entrevista concedida a L. Leite]. *Outras Palavras*. <https://outraspalavras.net/outrasmidias/celia-xakiaba-jenipapo-e-urucum-no-congresso/>

Artigo enviado em 10.04.2026 e aceito em 30.09.2026.

